

## 14. O valor da nossa união

O que tentei colocar em evidência meditando brevemente sobre o capítulo 17 do Evangelho de João é que o desejo culminante de Cristo, o cume de sua missão e, portanto, o desejo fundamental do Pai e de toda a Trindade para conosco, é que acolhamos e vivamos desde agora e por toda a eternidade a comunhão de Deus entre nós.

O ponto culminante da suprema oração de Cristo e, portanto, a intenção essencial pela qual Jesus aceitou sofrer e morrer por nós na Cruz, é que os discípulos "sejam um como o Pai e o Filho são um" (cf. Jo 17, 21-23). A partir disso, como mencionado, depende que a missão de Cristo seja acolhida e realizada no mundo inteiro: "Sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim" (17,23).

Nós não percebemos o quão importante é a nossa unidade! Jesus propõe que sejamos "perfeitos na unidade", cuja expressão original latina é *consummati in unum*, que poderia ser traduzido literalmente: "finalizados em um", "completados em um". Usa o mesmo verbo em grego e em latim, de quando Jesus grita na cruz, antes de expirar: "Tudo está consumado!" (Jo 19,30). Ele havia acabado de dizer: "Tenho sede!" (Jo 19,28), exprimindo até o fim o seu desejo mais intenso, que não era tanto o de beber, mas o que ele havia expressado precisamente na oração sacerdotal, o desejo que desde a eternidade condive com o Pai e o Espírito Santo: o desejo de nossa perfeição na unidade do amor de Deus.

Tenho a impressão, ao menos quando faço o exame particular, de que nós não somos conscientes da ardente importância da nossa unidade, da unidade entre nós, de todos os discípulos e entre todos os seres humanos, a unidade que Cristo pediu ao Pai não apenas com palavras, mas oferecendo toda a sua vida até o último suspiro e a última gota de sangue. Talvez seja nesse nível que sejamos superficiais, distraídos, inconscientes. Preocupamo-nos com mil coisas, desejamos mil coisas, regozijamo-nos ou nos entristecemos com mil coisas, mas não o suficiente para "a única coisa necessária", para o *unum necessarium*, como disse Jesus à Marta (Lc 10,42). E a única coisa necessária é a própria unidade, a comunhão dos discípulos, graças à qual nos é permitido participar na Comunhão Trinitária. Talvez Jesus tenha lembrado Marta não apenas ou não tanto para que não se preocupasse com tantas coisas em detrimento da contemplação de Maria, mas por afastar-se da união fraterna com a irmã que Jesus veio oferecer-lhes com sua presença em sua casa.

Por isso, é importante aprofundarmos o que significa esta unidade e como nos é possível vivê-la, crescer nela e dela fazermos experiência. Não se trata apenas da paz da Igreja, das comunidades e até da paz do mundo. Mas é o nosso destino final, é a nossa vida eterna, é também o nosso existir onde está Jesus, em união com o Pai no amor do Espírito.

Quando Jesus fala da nossa unidade e reza por ela, é como se a colocasse entre a Trindade e o mundo, isto é, a coloca onde Ele está, enquanto foi enviado pelo Pai para salvar o mundo. Jesus apresenta a unidade dos discípulos como meio *sine qua non* de transmissão da salvação que a Trindade quer dar ao mundo inteiro. Isso significa que a unidade dos discípulos é o que decide o resultado da missão de Cristo Redentor e, portanto, de toda a missão na e da Igreja. Sem comunhão fraterna, não se cumpre a missão de salvação de Cristo, aquela pela qual o Pai enviou seu Filho ao mundo. De fato, o primeiro sinal de que a missão de Cristo foi cumprida, superando toda a hostilidade, vencendo a morte e o pecado, é o dom do Espírito Santo que o Ressuscitado dá aos discípulos. E imediatamente, o Espírito Santo cria entre os discípulos a "perfeição na unidade" que Jesus pediu na Última Ceia. A primeira comunidade cristã de Jerusalém é subitamente um sinal dessa perfeição, possível graças ao Espírito, em virtude da morte e ressurreição do Senhor. No entanto, uma perfeição a ser sempre, de novo, acolhida e realizada, e que se cumprirá em modo pleno, somente no final dos tempos.

Quando meditamos sobre a primeira comunidade cristã, nos Atos dos Apóstolos ou nas cartas apostólicas, vemos que ela era perfeita e imperfeita ao mesmo tempo. Os discípulos tornaram-se imediatamente "um só coração e uma só alma" e "tudo era comum entre eles" (At 4,32), isto é, nenhum bem espiritual ou material os separava. Mas também vemos que desde o início essa unidade doada pelo Espírito necessitava ser continuamente consertada, restaurada, reconstruída. Por quê? Talvez o Pai não mais ouvisse ou escutasse mal a oração tão intensa do Filho, ou não mais cumprisse o sacrifício de sua vida por eles. Certamente não. Só que a unidade dos discípulos é uma realidade que passa através da liberdade de cada um, da liberdade de cada coração, de cada discípulo, e por isso deve se recomençar e ser recomposta partindo de cada fiel, de cada novo membro do Corpo do Senhor. Por esta razão, também já nos primeiros escritos da Igreja, passamos imediatamente da descrição do ideal de comunhão da primeira comunidade para o aconselhamento para bem vivê-lo, para converter-se sempre de novo a este ideal. E isso sempre, até hoje, desde o ensinamento de São Pedro até o magistério do Papa Francisco e assim por diante, até o fim dos tempos.

Neste sentido, é útil meditarmos também sobre a Regra de São Bento, como sobre as obras de nossos autores cistercienses, tais como São Bernardo, Santo Aelredo, etc., à luz deste tema essencial da unidade como uma experiência muito preciosa e ao mesmo tempo muito frágil no viver o cristianismo, em viver nossa vocação e missão.